

Trecho da entrevista concedida para o livro **Indústria Mecânica do Estado de Minas Gerais –Memória Histórica**. Belo Horizonte, SINDIMEC-FIEMG, 2007. Pereira, Lígia Maria & Faria, Maria Auxiliadora de.

CARLOS ALBERTO PIACENZA - presidente de **A Única**, indústria do setor mecânico fundada por seu pai, Américo Santiago Piacenza, em Belo Horizonte, em 1928.

Dentre os imigrantes italianos que vieram para a construção da Capital, encontrava-se um casal de italianos com seus dois filhos, Margarida e José. A família chegou a Belo Horizonte, em 1897. Antes dirigiu-se a Ouro Preto, contratada pelo então presidente do Estado, José Francisco Bias Fortes, para trabalhar na construção de Belo Horizonte. De Ouro Preto seguiu para Belo Horizonte. Quando terminou o contrato, ao fazer o acerto de contas com os trabalhadores, o Governo ofereceu terras a quem quisesse ficar. “Aí, meu avô falou: ‘O que eu vou fazer com terra? Eu sou construtor, não sou agricultor’”. Diante disso, em 1900, a família emigrou para a Argentina que, por essa época, estava começando a se desenvolver. Lá, nasceram Américo, Pedro, João e Teresa. Em 1918, os Piacenza começaram a vir para Belo Horizonte, onde se radicaram definitivamente e constituíram família.

Um a um, os filhos do casal Piacenza foram deixando a Argentina para viverem em Belo Horizonte. O primeiro a chegar foi Américo. Ele acabou vindo, porque a minha avó falava muito no Brasil. O Brasil apaixonou qualquer um”. Meu pai veio para o Brasil como imigrante aos 18 anos de idade e chegou em Belo Horizonte no dia 14 de outubro de 1918. Ele tinha uns parentes que estavam aqui. Era uma família que chamava Musso. Esse parente, que era filho de uma irmã de meu avô, tinha uma lavanderia. Ele veio atrás deles. Quando ele desceu do navio no Rio, tinham uns italianos ali e perguntaram o que ele vinha fazer no Brasil. Ele disse: “Vim arrumar emprego, trabalhar”. Aí, eles falaram: “Mas você veio na hora errada, o Brasil está em crise”. Isso ele me contou em 1966, quando eu já estava trabalhando com ele. E disse: “Você sabe que o Brasil não saiu da crise até hoje?” E ele enriqueceu, sob o ponto de vista dele, enriqueceu.

Mais tarde, João e Pedro se uniram ao irmão. Meu pai começou trabalhando na Fundação Moderna, de Enéa José Magnavacca e os filhos, Hamleto e Arcângelo. Veio aquela crise, antes ainda de 1929 - como toda crise, teve um período anterior - e o

Magnavacca, que tinha uma siderúrgica, quebrou. Aí, ele chamou meu pai e disse: “Olha, Santiago, eu quebrei e quero acertar com você o que eu te devo. Eu tenho aquele terreno ali em frente, você quer ficar com ele?” Meu pai falou: “Ah, eu fico com o terreno. Se me satisfizer eu fico com o terreno”. E realmente o meu pai ficou com o terreno, que é na esquina da rua Rio Grande do Sul com rua dos Carijós. O prédio está lá e é nosso até hoje, tanto é que nós o alugamos.

Foi ali que ele instalou seu primeiro estabelecimento. Uma vez surgiu um italiano aqui que vendia motores, vendia rolamentos da Itália, que era o rolamento Vib, os motores Marelli, e ele passou a comprar aquilo e a vender também. Então, ele montou um comércio no local. E máquina de padaria. Tinha um outro italiano também, que era um vendedor que vinha aqui vender, que deu a representação para ele. Era a Pensort. Mas, depois, com a crise, meu pai não conseguia mais importar as máquinas e tinha compromissos. Ele, então, juntou-se a um espanhol, que se chamava Evaristo [Lopes] Agulho, que tinha uma oficina mecânica na rua Rio Grande do Sul com Tamoios. O Evaristo já tinha a oficina e o meu pai já tinha a venda, então juntaram os dois e resolveram fazer o estabelecimento.

Um dia chegou um italiano que se chamava Giovanni Melles e disse a meu pai: “Ô seu Santiago, ouvi dizer que você está fabricando máquinas”. Eram máquinas para cerâmica e padaria. Ele falou assim: “Estou, estou fabricando máquinas”. “Santiago, você ficou doido, Santiago? Você virou industrial e industrial nunca tem dinheiro”. Então, ele começou assim. O Evaristo gostava de fazer as máquinas de cerâmica e meu pai gostava de fazer as máquinas de padaria, então eles resolveram separar. O Evaristo continuou com as máquinas de cerâmica durante praticamente trinta anos - um irmão dele continuou - e meu pai foi mexer com máquina de padaria e depois acabou fazendo máquina de cerâmica também.

Algum tempo depois, meu pai percebeu que para progredir precisava fazer modelos de máquinas, isto é, as peças de madeira. Isso foi muito importante também. Então, um dia apareceram e falaram: “Olha, tem essa família aqui, ele é um modelador e quer vir para cá”. Então, meu pai falou: “Pode trazer que ele vai ficar comigo”. Então, veio a família, o garoto chamava Carlos Kröeber. Meu pai trouxe essa família, dona Elza e Carlos Kröeber. Essa foi a primeira fábrica de modelo de Belo Horizonte. Os modelos eram uma perfeição. Eles criavam as coisas, faziam os modelos e faziam as máquinas.

Logo no começo, Américo comprou umas sucatas que pertenciam à Light e, no meio do material, veio uma polia de dois metros de diâmetro. Meu pai trouxe essa família, dona Elza e Carlos Kröeber. Essa foi a primeira fábrica de modelo de Belo Horizonte. Os modelos eram uma perfeição. Eles criavam as coisas, faziam os modelos e faziam as máquinas. A Padaria Democrata foi a primeira a operar com forno construído pela **A Única**, seguindo-se a instalação de fornos por todo o Estado de Minas Gerais, no Brasil, e até mesmo em países da Europa, Ásia e América Latina.

Nesse cenário de absoluta ausência de instituições formadoras de mão-de-obra, ele pegava praticamente menino de rua, ensinava e treinava. Se você quisesse ter o torneiro, pegava um menino e o ensinava a ser torneiro. Era o único jeito. E ficavam profissionais bons, limitados até certo ponto, mas muito bons. Depois veio a Oficina Christiano Ottoni criada pela Escola de Engenharia em 1914. Uma iniciativa pioneira. Ela oferecia cursos práticos e meu pai chegou a frequentar alguns desses cursos, que foram importantes para ele.

Papai vendia as máquinas e montava as padarias em Belo Horizonte e também no interior de Minas. Para conseguir a força era uma loucura. Eu lembro que ele era muito amigo do pessoal da Light, na época a Companhia Força e Luz de Minas Gerais - era do grupo Light. Ele ficou amigo deles, porque toda vez que ele montava uma padaria tinha que ir lá pedir para ligar a força. Não era fácil, mas ele conseguia. Existia muita dificuldade nessa área de energia elétrica, mas como eram indústrias pequenas que não demandavam muito, ele sempre conseguia resolver.

Além desse maquinário para padaria, A Única fez outras coisas. Não se tinha uma freguesia enorme para um produto, então tinha que diversificar. Eles faziam tudo o que era possível em termos de mecânica. A Única chegou a fazer uma série de máquinas para a indústria gráfica, chegou a fazer máquina de tipografia. Mas não vingou. O mercado era pequeno, então as indústrias se diversificavam muito. Depois, veio o contrário, a especialização. Nós produzíamos um monte de coisa diferente, mas, a partir de 1960, fomos restringindo até chegarmos única e exclusivamente à máquina de padaria, como é até hoje.

Meu pai e minha mãe eram italianos. Com o tempo fomos observando e conversando com eles nós notávamos o seguinte: quando eles vieram como imigrantes, já traziam uma cultura. Não era uma cultura da forma que entendemos hoje, intelectual, era uma cultura prática, eles sabiam fazer as coisas. A formação que meu pai teve foi dada na

Associação Cristã de Moços (ACM), em Buenos Aires. E o que ensinaram a ele? A ser pedreiro, carpinteiro. Pegavam os meninos e ensinavam a trabalhar. Ele tinha o hábito de dizer: “As ideias nascem nos cérebros, mas saem pelos músculos”. Eu acho muito interessante essa frase dele, ele falava muito isso e nunca vi ninguém repetindo. Eles tinham, então, essa noção de realização pelo trabalho. E, intelectualmente, ele se desenvolvia pela observação, pelo estudo, ao qual, às vezes, ele se dedicava um pouco. Penso que isso falta hoje em nós, porque a preocupação da geração deles foi dar aos filhos aquela cultura intelectual, talvez até erudita, que não tiveram. Eles achavam que os filhos tinham que se formar, custe o que custar. E nós acabamos sendo o que? Acabamos sendo intelectuais, mas não sabemos fazer nada.

E isso é muito importante. Sob o ponto de vista intelectual, minha mãe era analfabeta. Veio da Itália com dez anos e só assinava o nome. Mas tinha uma habilidade manual fantástica, em bordado, tricô, na área de culinária também. Eu ficava impressionado com aquilo e um dia perguntei: “Onde é que a senhora aprendeu tanta coisa assim?” Ela me respondeu: “Ah, lá na Itália, antes de aprendermos a ler e escrever nós aprendíamos a trabalhar”. Quer dizer, nos primeiros anos de estudos dela, eles ensinavam tricô, crochê e falavam: “Agora vai aprender a ler e escrever, porque isso não é muito útil não, mas em todo caso...”